

# Verbalização da Poesia

salto  
a. campos

Das muitas objeções que se vêm fazendo à poesia concreta, salienta-se, sem dúvida, pela unanimidade com que a crítica especializada o focalizou, o aspecto da «impossibilidade» de sua verbalização. Alegam, em geral, os críticos, que os poetas concretos, preocupados em demasia com a visualização do poema, tornaram-no impossível de ser verbalizado. Parece-nos, entretanto, evidente, que esta afirmativa só poderá ser lógica se se referir a uma maneira tradicional de «dizer» poemas. Mas é claro que se a poesia concreta revoluciona a forma, transformando o conceito poesia, substituindo, enfim, toda uma complexidade de conceitos tradicionais por uma exposição totalmente nova, também a sua verbalização tende a ser modificada, para que todo o conteúdo verbal do poema seja inteligível. Caso semelhante dá-se com a música de vanguarda, na qual, a terminologia musical até agora vigente perde o sentido para dar lugar a uma outra que tenha relação intrínseca com o novo material sonoro com que lida o compositor. Aliás, grande afinidade formal e evolutiva aproxima essas duas modalidades de arte. Interessante notar-se que à medida em que o verso começa a ser superado, a melodia (que na comparação poderia ser equivalente ao aspecto discursivo e sintático do verso) também se liberta da frase musical através da superação da cadência, e portanto, do desenvolvimento da melodia no sentido de «ponto de partida, tensão, afrouxamento», ou seja, princípio, desenvolvimento e fim. A emancipação da pausa, na música, também aparece na mesma época em que surge o aproveitamento do branco da página na poesia, o que nos encoraja a afirmar que esse desenvolvimento foi lógico (ainda mais se estendemos a comparação às artes plásticas, arquitetura, ao teatro, a todas as artes, enfim) dentro do momento histórico em que se deu.

O problema musicalidade de um poema concreto não se deve pois, evidentemente, relacionar com música tradicional, mas sim com música concreta também. E assim como a música concreta (ou melhor a música precursora do concretismo, e que usa, portanto, ainda, instrumentos tradicionais) não pode ser executada por instrumentistas que apenas dominem uma técnica limitada a certas possibilidades dos seus instrumentos mas que exige que ele conheça todos os seus

Diogo

## balada da paina, do pranto, do silencio

Com paina, pranto e silêncio  
Formarei meu eu boneco.  
Deixarei meus olhos mortos  
Em cima da escrevaninha.  
Meu punhal de ponta-verde  
Em cima da minha infância.  
E Elisa — a do verso antigo—  
Sentirá soidade minha.  
Sem pressa, febre ou ganância  
Vestirei meu eu boneco;  
Com a mão da carne calada  
E com a outra em céu secreto.  
Marisa — a dos olhos graves —  
Beijará meu filho astral.  
E a moça de franja e trança  
Indagará das estrêlas:  
— Em que parte estará agora  
Minha bebede criança?  
Com paina, pranto e silêncio  
Vestirei meu eu boneco.  
O chapéu será de noites,  
O paletó de alvorada;  
Gravata de relvas sêcas,  
As calças de cal enfêrma,  
Sapatos de terra alada.  
Com paina, pranto e silêncio  
Farmarei meu eu boneco.  
E o dia verá meus dedos  
No fundo da paina amarga.  
— A vidraça terá segrêdos  
E a cama será mais larga.

---

um inédito de RUY APOCALIPSE



# Concreta

segrêdos, valorizando ao máximo as suas possibilidades, um poema concreto reclama uma leitura nova, capaz de tornar compreensível o seu conteúdo visual.

Difícil, ou talvez mesmo impossível, seria, por exemplo, lê-lo a uma voz apenas. E' claro, que, se muitas vèzes, nêle existem várias linhas de leitura e sentidos múltiplos, isso só poderá ser compreendido por uma verbalização a várias vozes, simultâneas ou sucessivas, dependendo do caso. Willys de Castro encontrou soluções excelentes para a leitura de poemas concretos; e tão boas, que o Movimento «Ars Nova» resolveu divulgá-las realizando no Teatro Brasileiro de Comédia, no dia 3 de junho próximo, um recital de poesia concreta juntamente com a execução de algumas obras musicais da mesma tendência. Imaginou partituras de leitura com ritmos e dinâmica rigorosa. No poema «salto», de Augusto de Campo, por exemplo, que deve ser dito por sete vozes sendo três agudas, uma média e três graves, quando do conflito entre amor e morte que resulta na composição gráfica: sep ult um ulul lut tumultuito, Willys para auditivamente tornar compreensivo o conteúdo verbal dêsse (verso?), colocou cada palavra num timbre, ou voz diferente. Assim sendo, enquanto a voz média diz «sepultu» a segunda grave, tendo das letras ul pronúncia «último»; a primeira voz grave, acrescentando um «m» ao último «u» compõe «um»; a segunda voz aguda diz «ululu», aproveitando a segunda voz grave a sílaba final lu para compor «lutu», enquanto a mais grave e a mais aguda, simultaneamente à sílaba tu de «lutu», dizem «túmulo» e «tumultos». Finalmente, a voz média repete a palavra «último», iniciada quando as vozes extremas pronunciam as letras ul. O ritmo aí é ligeiramente precipitado, para, no final, após o «salto», voltar a um «a tempo».

Não queremos «a priori» fazer um juízo sôbre as possibilidades de êxito da nova maneira de se dizer poesia nova; a nossa pretensão é apenas a de que, como recital do Movimento «Ars Nova», sejam superados alguns equívocos relacionados com a possibilidade de verbalização de um poema concreto.

e  
m sm s m rt  
o o o  
mumi  
sep  
ult um ulul lut tumultult  
imo  
s  
alt tal

Pacheco

∨mor





## Breve nótula sobre o padre Vieira

O Sr. Ministro Ivan Lins publicou ultimamente na Revista de História, de São Paulo um sugestivo estudo sobre o Pe. Antonio Vieira.

Os passos do jesuíta se lhe afiguravam demonstrativos do espírito científico e filosófico da sua cultura.

Neste meu comentário que as circunstâncias impõem seja brevíssimo quero, antes de mais, lamentar que não haja ainda estudo suficientemente profundo e amplo sobre a Filosofia Conimbricense, em que o pregador formou o seu espírito para saber destrinçar o que ele recebeu daquilo que pode ter acrescentado. Aliás, não faltam no artigo de Ivan Lins citações em que Vieira nada mais faz do que repetir conceitos correntes dos confrades conimbricenses, que por seu turno os haviam colhido na filosofia peripatética, de que eram os últimos abencerragens, numa Europa que desde o Renascimento havia voltado as costas a Aristoteles.

O que se me afigura poder-se desde já afirmar é que Vieira é por demais complexo e rico de personalidade para poder caber num adjetivo, diminutivo ou exaltante. Estou preparando para uma edição, a cargo da Universidade da Bahia o texto da representação, em que ele se defende, perante o tribunal conimbricense do Santo Ofício, contra a censura de fátuas, escandalosas, temerárias, ofensivas dos ouvidos piedosos e com sabor a heresia, errôneas, injuriosas para os santos, pãdres ou para a Igreja, proposições que ele formulara na sua utopia de espírito profético ao sapateiro de Francoso, da futura ressurreição de D. João IV, para

do Quinto Império empunhar o cetro e com tal poder realizar a conversão universal de Judeus, Gentios e Hereges.

O livro é um poderoso monumento da dialéctica da época. Em tal escola aprendeu Vieira a confiadamente assentar as suas catedrais de silogismos na base de textos bíblicos que mais de uma vez não passavam de vaga visão, de expressão, metafórica, a uma infinita distância da solidez e clareza exigidas pelo racionalismo cartesiano.

No empenho de apoiar a aérea fragilidade da estrutura, assim audaciosamente erguida, mais de uma vez, entre os argumentos da autoridade alheia — texto bíblicos, patristicos, de santos, teólogos, intérpretes — surge o argumento do próprio saber de experiências feitas que, deslocado do contexto, pode parecer derivado de certo grau de espírito renovador que nos países de livre cultura estava desvinculando a ciência e a filosofia de todo o sistema teológico. E por exemplo:

«Se eu estudara ao dentro das paredes da minha cela e arrimado à banca a folhear (...) os intérpretes de São Tomás e Escoto, pode ser que (sobre a questão da cristianização do Mundo discorresse como outros d'acôrre e seguisse o que outros seguem. Mas conhecendo (...) com o conhecimento experimental (...) as razões e dificuldades que se podem ler na mesma experiência e de nenhum modo se acham nos livros, esta é a causa porque, na opinião corrente dêste discurso, tenho para mim que a conversão do Mundo há de ser obra da Onipotência e Providência divinas.»

E' o mais impressionante, pelo que tem de humano, esse aspecto da obra em cuja publicação estou trabalhando, esta amargurante experiência de missionário: em 150 anos de atividade apostólica pouco se havia passado para além das costas. Como permitiria a infinita bondade de Deus que a urgência da salvação das almas estivesse assim à mercê das precárias e escassas possibilidades humanas? De certo não faltaria a sua intervenção com milagres espetaculares que facilitasse a inundação universal da graça, e seria êle a união dum único báculo a um único cetro — empenhando pelo rei de Portugal, cuja ressurreição o havia de assinalar como o indifutável eleito para tal soberania.

Vale infinitamente mais do que tôdas as congeminações do dialecta subtil a fundá humanidade desta ansiedade do missionário experimentado. Mas reconhecamos que confiou a estruturação lógica da sua magnífica utopia.

Formara-se um na escola do Claustoro, outro na escola da Vida. Ora seguem paralelamente, ora se enlaçam, confundidos, mais de uma vez o utopista estimulando ao realista a fuga para o transcendente, e frequentemente êste oferecendo àquele a precisão, a nitidez, o contôrno de coisa concreta, que imprime aos seus aegri somnia. De qualquer modo, não os podemos facilmente separar.

O Exmo. Sr. Dr. João Pereira Bastos, digníssimo Cônsul de Portugal em Salvador, tem liderado e incentivado tôda e qualquer manifestação cultural e social da colônia portuguesa, graças ao seu dinamismo moço e crença à comunidade luso-brasileira. Logo nos primeiros dias de janeiro de 55, ainda recém chegado reuniu a sua volta os principais elementos da colônia. Ainda nesse mês, solene e formalmente, reuniu a colônia e foi oferecido um banquete de gala às autoridades brasileiras, congratulando-se pela assinatura do tratado de Amizade e Consulta entre Portugal e Brasil.

Desde então, incentivou e participou de todos os acontecimentos que, direta ou indiretamente, envolvessem a colônia portuguesa na Bahia.

Proffusa e intensa tem sido sua atividade quer no setor cultural, quer no setor social.

